

4.

Conclusão

Encontros e desencontros entre os modelos

Diante da pergunta inicialmente colocada – se poderiam os modelos de ensino religioso ajudar no reconhecimento do Deus que se revela e assim contribuir para o processo de educação da fé – a resposta é positiva, com uma exceção.

Talvez pudéssemos, para ressaltar o que é comum entre os modelos e assim concluir nosso trabalho, parafrasear, em parte, uma das definições de revelação de Santo Tomás de Aquino, referida aos graus do conhecimento de Deus: “de três modos o homem pode conhecer as coisas divinas; pelo primeiro o homem, graças à luz natural da razão, *eleva-se* ao conhecimento de Deus pelas criaturas; pelo segundo, a verdade divina, que ultrapassa os limites da nossa inteligência, *desce* a nós pela revelação não como evidentemente demonstrada, mas como palavra que se deve crer; pelo terceiro, a alma *será elevada* para ver perfeitamente o que lhe fora revelado”.(AQUINO³⁰⁹ apud LATOURELLI, 1985, p. 196).

Assim, os pontos convergentes do ensino religioso poderiam se expressar de duas maneiras. Primeiro, que está assentada na convicção de Deus que *desce* a todos os seres humanos com sua força amorosa desejando fazer-se conhecido por todos, através de todos os meios e caminhos. Nesse sentido, o ensino religioso confessional propõe aos alunos o caminho no qual esse Deus se revelou, começando por Israel, alcançando a plenitude em Jesus Cristo e continuando na Igreja.

O segundo modelo – centrado na educação da religiosidade - revela aos alunos o Deus de Jesus presente no fundo da realidade, na natureza, na história e na liberdade humana. Este modelo ajuda a perceber o Deus que sustenta a existência e a evolução deste mundo tornando-o lugar de viver em felicidade. A presença de Deus que se revela “através” do esforço humano de construir um mundo melhor para todos, do esforço humano de crescer em liberdade e

³⁰⁹ Santo Tomás de Aquino., C. G., L. IV, C. 1.

consciência. Ajuda a perceber que Deus está trabalhando sempre, sustentando a existência do ser humano e do mundo. Por isso, para vê-lo é preciso apurar os olhos e o olhar. Daí a relevância da linguagem da contemplação, da admiração, do exame de consciência, das situações de contraste, das situações-limite, para que ele seja percebido e encontrado.

O terceiro modelo mostra o rosto do Deus de Jesus Cristo presente em todas as tradições religiosas, com diferentes nomes. Mostra um Deus paciente que vai se revelando nos fundadores, nos líderes, nas escrituras e narrativas, nos ritos e mitos. É o mesmo Deus que estava presente na teimosia da cananéia que solicitava a Jesus a cura para seu filho. O mesmo Deus presente no sacrifício de Abel; no pedido de Henoc para não experimentar a morte e na propriedade da fé de Noé.

Mas há também o homem e a mulher que se *elevam* ao conhecimento de Deus. Digamos, do ponto de vista antropológico, esse é também o ponto de partida que unifica o diálogo entre os diversos modelos. A razão usada retamente pode conduzir a Deus. Portanto, é correto falar da razão como uma forma de conhecimento de Deus. O mesmo se pode dizer da fé. “Ela é verdadeiramente uma forma de conhecimento, mas que possui um caráter próprio: nós conhecemos, mas porque Deus nos fala e, por misericórdia, nos faz uma confiança³¹⁰”. Ambas – fé e razão - são realizadas por seres humanos, abertos na sua estrutura à transcendência de Deus. Essa abertura e busca humanas estão pressupostas pelos diversos modelos.

No entanto, sabemos que o ser humano somente pode *buscar* a Deus porque antes ele *desceu* ao encontro do ser humano em todos os tempos e lugares. Não existe nada que não tenha sido afetado pela criação de Deus através do Verbo. Todo o real foi tocado pela graça de Deus. Por isso toda a realidade tem consistência porque é criatura de Deus.

Numa palavra, Deus como ato puro de amor, está sempre se revelando ao ser humano. Ele faz pressão para fazer esse amor ser sentido e assumido. O limite à acolhida desse amor se dá pela finitude da realidade e do ser humano. Nesse sentido, a exceção que indicávamos anteriormente se aplica particularmente ao terceiro modelo de ensino no que diz respeito à ciência que lhe dá embasamento – a fenomenologia da religião. Esta ajuda a perceber todas as religiões como sendo reveladas, mas não permite a qualificação dessa presença divina nas diferentes tradições. Contudo, isso se poderia dizer dos demais modelos, na medida que pode haver uma teologia da revelação nos dois outros modelos que podem

³¹⁰ SCHILLEBEECKX, E., *Revelação e Teologia*, p. 87.

esconder o rosto de Deus. Mas, com isso, já estamos apontando os pontos de desencontros entre as propostas de ensino.

Os modelos de ensino religioso têm em comum o papel imprescindível no processo de formação integral dos alunos, no contexto da realidade escolar. Contudo, ao tratar de explicitar as suas metas, logo aparecem as divergências. Estas surgem decorrentes da natureza conceitual do ensino religioso. Esse debate passa, em última análise, pela diferença da fé cristã.

Na perspectiva confessional o ensino religioso é “o processo pelo qual uma tradição de fé é transmitida à próxima geração”.³¹¹ Na perspectiva das ciências da religião o ensino religioso é “entendido como a disciplina que aborda a religião enquanto fenômeno humano”.³¹² Visto desde o horizonte da antropologia filosófica, o ensino religioso é a disciplina que visa “ajudar os alunos a compreender melhor e a tratar com mais objetividade a esfera do transcendente, da religião e da fé”.³¹³ Neste caso, interessa educar a dimensão religiosa constitutiva do ser humano. A começar pela própria definição, percebe-se a existência de divergências relativas à própria natureza deste ensino.

Do ponto de vista da finalidade, os três modelos se resumem a duas metas: de um lado, levar à fé e, de outro, levar à definição de um projeto de vida em confronto com as perguntas religiosas fundamentais.

Os defensores da segunda meta defendem o ensino religioso como uma *diaconia* prestada ao mundo. Afirmam que não existe entre os adolescentes “um consenso na fé” e continua rara essa “busca do consenso na fé”.³¹⁴ Lembram que na sociedade moderna há uma perda do consenso religioso e do crescimento gradual da indiferença religiosa entre os alunos.

Em segundo lugar, defendem que o ensino religioso deveria levar em conta os interesses da escola, isto é, deve estar fundamentado na teoria educacional escolar.³¹⁵ A escola, por sua natureza, é aberta a todos os alunos. Portanto, ela não seria espaço para a transmissão da fé. Essa transmissão é competência exclusiva da comunidade eclesial.

Em terceiro, apontam a crise de um conceito fechado de confessionalidade. O ecumenismo no ensino religioso, ao buscar os pontos comuns entre as Igrejas cristãs provoca a tradição católica a ir além de si. Em se tratando também do diálogo inter-

³¹¹ ROSS, S., *Gênero, cultura e formação da fé cristã*, p. 16.

³¹² Ibid.

³¹³ METTE, N., *Formação Religiosa na escola: oportunidades e limites*, p.35.

³¹⁴ Ibid., p. 35.

³¹⁵ Ibid., P. 36

religioso, deve-se afirmar que só no encontro com o outro é que a própria posição se esclarece e que a compreensão mútua pode ser colocada em prática³¹⁶

Em quarto lugar, somente um modelo de ensino religioso, mediado pelas ciências da religião ou fundado na antropologia filosófica faria *jus* ao contexto pluralista. Isto porque estas disciplinas não estão comprometidas com nenhuma tradição normativa de uma determinada religião ou confissão, a partir da qual as outras pudessem ser vistas e julgadas. O mérito desta abordagem estaria em ocupar-se com todas as tradições desde uma visão comparativa, em igualdade de condições.³¹⁷

Ao assumir a mediação das ciências da religião no tratamento do ensino religioso, seus defensores afirmam não estar abdicando do anúncio cristão. Só que este se deslocaria do aluno e dos conteúdos para a pessoa do professor. Este deve testemunhar com seu modo de viver e pensar sua adesão a Jesus Cristo.

Além de centrar-se na figura do professor, a confessionalidade do ensino religioso se expressa nas relações interpessoais, administrativas e no clima institucional da instituição escolar.

Como se pode entrever, para esse grupo o desafio do ensino religioso, neste contexto, seria fazê-lo importante e relevante para a vida do aluno. Sua relevância decorreria do encontro pelo aluno com a religião e a fé, o que lhe abriria um fecundo horizonte de orientação e sentido para a formação de sua identidade, capacitando-o para a construção de um mundo mais justo e compatível com a criação.³¹⁸ Porém, a chave do encontro com a fé e religião não é a da inserção numa determinada comunidade de fé, mas da percepção nelas da busca humana pelo sentido da vida.

Contudo, há argumentos também claros e plausíveis para o modelo de ensino religioso que pretende levar à fé ou introduzir na comunidade de fé. Em primeiro lugar, a opção pelo ensino desde uma tradição religiosa específica funda-se no direito básico à liberdade religiosa.³¹⁹ É papel do Estado atender à demanda das famílias na escolha do tipo de educação que se deseja oferecer aos filhos.

Em segundo, não existe uma educação da religiosidade genérica.³²⁰ Esta se deixa encontrar nas manifestações histórica e cultural concretas. Portanto, neste caso, não se pode

³¹⁶ Ibid.

³¹⁷ Ibid., p. 39

³¹⁸ Ibid., p. 36

³¹⁹ COMPÊNDIO VATICANO II. *Dignitatis humanae*, n.1

³²⁰ JUNQUEIRA, R. A. S., *O processo de escolarização do Ensino Religioso*, p. 116.

renunciar à ligação entre ensino religioso e compromisso com determinada tradição religiosa.³²¹

Em terceiro lugar, quanto à questão do diálogo inter-religioso, deve-se dizer que sem um mínimo de identidade não há diálogo. Não existe uma identidade multirreligiosa e multicultural.³²² O diálogo inter-religioso requer algumas atitudes. Que haja disponibilidade interior de abertura e acolhimento do diferente; que haja convicção religiosa; a terceira, que haja abertura à verdade³²³. Portanto, sem convicção religiosa não há possibilidade de um verdadeiro diálogo.

Em quarto lugar, uma visão de fora – da religião pensada - como propõem as ciências da religião, não faria justiça à peculiaridade da religião. O acesso a ela deve dar-se a partir de dentro.³²⁴ As ciências da religião perdem aquilo que as religiões tem de específico – a sua visão do mundo e da vida, que não se acomoda às normas de uma razão pretensamente esclarecida, mas que a ultrapassa, pelo fato de a religião se enraizar e expressar na dimensão do simbólico da existência.

Como se pode ver, a discussão sob o ponto de vista da interpretação da diferença cristã do ensino religioso é muito importante, porque revela que está em jogo a capacidade ou a incapacidade da instituição eclesial transmitir às gerações ulteriores sua tradição cristã.

Não se pode abrir mão, sem mais, da particularidade cristã do ensino religioso em nome de uma mudança no contexto e do surgimento de outras propostas. Porém, o acento nas divergências, embora legítimas em função dos pressupostos e lugares desde os quais são pensadas, não pode esconder a verdade de que Deus está se revelando aos seres humanos, chamando-os a participar de sua existência, esteja onde estiver e como estiver: dentro ou fora do universo religioso. Cumpre à Igreja fazer chegar essa mensagem numa linguagem em consonância com os “sinais dos tempos”.

³²¹ METTE, N., art. cit., p. 37.

³²² Ibid.

³²³ TEIXEIRA, F., *Teologia das Religiões*, p. 210-215.

³²⁴ METTE, N., art. cit., p. 37.